

# V O G G A

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO  
30, Rua da Alegria, 30  
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA  
DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.<sup>a</sup>  
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873  
(Antiga R. da Procissão)  
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



DOLLY ET BILLIE AS DUAS BAILARINAS QUE TANTO SUCESSO ESTÃO CAUSANDO EM PARIS

ESTE NÚMERO TEM DUAS FOLHAS DE BORDADOS

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

# VIDA ELEGANTE



A sr.<sup>a</sup> D. Delmira de Sousa Dias Valagão e o sr. Abílio da Luz Clara, à saída da paróquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, por ocasião do seu casamento, realizado no dia 21 de Abril último

## DIPLOMATAS

Decorreu brilhantíssima a recepção de quinta-feira última, no Palácio da Embaixada do Brasil, à rua António Maria Cardoso, com o qual o ilustre Embaixador do Brasil em Portugal e Madame Cardoso de Oliveira solenizaram a data festiva da Descoberta do Brasil, e à qual concorreram além do Governo Português, os principais membros do Corpo Diplomático actualmente em Lisboa, e grande número de famílias da nossa primeira sociedade e da colónia brasileira em Lisboa.

Durante a tarde as vastas salas da Embaixada ofereciam um aspecto verdadeiramente encantador, tendo-se feito além de animada conversação, boa música pelo exímio sexteto sob a direcção do distinto violinista Vieira Pinto.

Os ilustres diplomatas, suas gentis filhas e genro, bem como o restante pessoal da Embaixada em Lisboa, foram de uma cativante amabilidade para com os seus hóspedes.

## CASAMENTOS

Com grande brilhantismo realizou-se na capela da elegante residência dos srs. Condes de Bobone, à rua S. Filipe Nery, o casamento de sua sobrinha, a sr.<sup>a</sup> D. Tereza de Lencastre Gil de Borja Macedo e Meneses, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lencastre Aranjo Gil, e do sr. D. José Gil de Borja Macedo e Meneses, já falecido, com o sr. dr. António Corrêa da Silva

Sampaio, filho da sr.<sup>a</sup> D. Joaquina da Cunha Corrêa de Sampaio e do sr. Pedro Corrêa da Silva Sampaio, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> Condessa da Ponte e D. Jesus Gil de Borja Macedo e Meneses Beltrão, tias da noiva, e de padrinhos os srs. Marquês de Olhão e José Corrêa da Silva Sampaio, respectivamente tio e irmão do noivo.

Celebrou o acto o reverendo Augusto de Araujo, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa da aristocrática residência um finíssimo «lunche», da Marques, seguindo os noivos depois para a quinta do Arco, na Castanheira, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se com grande brilhantismo, na capela do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Lucinda Cardoso Pessoa, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Ermínia Cardoso Pessoa e do sr. Guilherme Cardoso Pessoa, distinto clínico da Armada, com o sr. dr. Joaquim Mendes Belo Correia, filho da



A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Guia Ramalho e o sr. Joaquim Ferreira Lopes, por ocasião do seu casamento realizado em capela armada na residência dos pais da noiva

sr.<sup>a</sup> D. Maria da Paixão Belo Correia, sobrinha de Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, e do sr. dr. Augusto Fernandes Correia.

Serviram de madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Angela Duran Mendonça e a mãe do noivo, e de padrinhos o sr. Ernesto Carlos de Mendonça, ilustre director do Banco Lisboa e Açores, e o pai do noivo.

Celebrou o acto Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, que antes da missa fez uma comovente alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Findo o acto religioso foi servido na quinta dos pais da noiva ao Lumiar, um finíssimo lunche, fornecido pelo Avenida Palace.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Em capela armada na residência da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Ramalho e do sr. Francisco Roque Ramalho, sócio-gerente do Palace de Vidago e do Hotel Avelames das Pedras Salgadas, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Maria da Guia, com o sr. Joaquim Ferreira Sopas, filho da sr.<sup>a</sup> D. Ana Duarte Sopas e do sr. José Ferreira Sopas.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Laura Ramalho e D. Maria José Duarte Sopas, irmãs dos noivos, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Joaquim dos Santos Silva.

Celebrou o acto o prior da freguesia do Socorro, reverendo João Filipe dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido

na sala de jantar da residência um finíssimo lunche, da Versailles, seguindo os noivos depois para o Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquial igreja das Mercês, com muita intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza César Filgueiras, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Elvira César Filgueiras, já falecida, e do brilhante maestro sr. Luís Filgueiras, com o sr. João Filgueiras Gomes da Silva, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Filgueiras Gomes da Silva e do sr. José Júlio Gomes da Silva, já falecido.

Serviram da madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Cândida da Cruz Cavassa e D. Elvira de Meneses Alarcão, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Henrique Miguel de Alarcão.

Finda a cerimónia religiosa foi servido na residência da madrinha da noiva, sr.<sup>a</sup> D. Cândida da Cruz Cavassa, um finíssimo «lunche», partindo os noivos depois para o Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Na paróquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Armada Lobo de Avila, com o sr. João Ferreira Quintino Rosa, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Adília Machado, tia da noiva, e D. Elisa Ferreira Quintino, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Salvador Mascarenhas e João Ferreira Quintino Rosa, pai do noivo.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo realizou-se na paróquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Delmira de Sousa Dias Valagão, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Rosa de Sousa Dias Valagão e do sr. Joaquim Viegas Valagão, com o sr. Abílio da Luz Clara, filho da sr.<sup>a</sup> D. Francisca Pires Uva Clara e do sr. Francisco da Luz Clara.

Serviram de madrinhas a mãe e a prima da noiva, sr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca de Sousa Dias, e de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma comovente alocução, foi servido na residência dos pais da noiva, na Avenida da República, um finíssimo lunche da «Bernard», seguindo os noivos depois para o Pálice do Busaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— No Porto, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição de Sá Guedes Dias, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Izilina Guedes Dias e do sr. Tranquedo Alvares Guedes Dias, com o sr. dr. Miguel de Mendonça Monteiro, filho da sr.<sup>a</sup> D. Margarida Mendonça Balsemão e Silva Monteiro, e do actual ministro da Justiça, sr. dr. José da Silva Monteiro, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimonia religiosa, durante a qual foram cantados com acompanhamento de órgão vários trechos de música sacra pelas sr.<sup>as</sup> D. Adelaide e D. Amélia Pizarro, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um fino lunche.



A sr.<sup>a</sup> D. Tereza Gil de Borja Macedo e Meneses e o sr. dr. António Corrêa da Silva Sampaio, por ocasião do seu casamento realizado na capela dos tios da noiva, srs. Condes de Bobone

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Para o nosso colega na imprensa portuense, sr. Martins de Oliveira, foi pedida em casamento, no Porto, a sr.<sup>a</sup> D. Ildia de Oliveira Brandão, filha da sr.<sup>a</sup> D. Bernardina de Oliveira Brandão e do notário em Vila do Conde, sr. Ildio Baptista Brandão, devendo a cerimonia realizar-se brevemente.

— Foi pedida em casamento pelo sr. dr. Abílio Garcia de Carvalho, para seu irmão Raúl, a sr.<sup>a</sup> D. Alzira Dulce Oliveira Novais Peixoto, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Leonor Alice Gomes de Oliveira Novais Peixoto e do sr. dr. José Bento Novais Peixoto.

A cerimonia deverá realizar-se ainda este ano. — Para seu filho Armando, foi pedida em casamento, no Porto, pelo sr. Ventura Duarte Dias, a sr.<sup>a</sup> D. Branca Ferreira Braga, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Rita Ferreira Braga e do sr. António Manuel Ferreira Braga.

O casamento realizar-se-há por todo o corrente ano.

— Pelo sr. dr. Afonso Homem de Vasconcelos Almeida Serra, foi pedida em casamento para o sr. Alberto dos Anjos de Vasconcelos Castelo, a sr.<sup>a</sup> D. Feliciano da Mota Veiga e Prata, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Palmira da Mota Veiga e Prata e do sr. José Rodrigues Prata.

A cerimonia deverá realizar-se ainda este ano.

— Para seu filho Luís foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Beatriz da Glória Carvalho Ribeiro, esposa do distinto major sr. Luís de Sousa Ribeiro, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Zelia Ferreira de Azevedo Clemente, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca Teixeira de Azevedo Clemente, já falecida, e do sr. Manuel Maria Gonçalves Clemente.

O casamento realizar-se-há ainda este ano.

— Em Coimbra foi pedida em casamento pelo sr. Acácio Pais Borges de Brito, para seu filho Agostinho, a sr.<sup>a</sup> D. Helena Pignatelli de Tavares Osório Freire Falcão, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Tomazia Pignatelli Tavares Osório e Melo Falcão, já falecida, e do sr. dr. José Freire de Carvalho Falcão.

A cerimonia deve realizar-se brevemente.

— No Porto, foi pedida em casamento pelo sr. Sebastião Alves de Brito, para seu filho Sebastião, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia de Gusmão Calheiros, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Forbes Guimarães de Gusmão Calheiros, e do sr. dr. Joaquim Pimenta de Melo Pinto de Gusmão Calheiros.

O casamento realizar-se-há ainda este ano.

## NO CLUB BRASILEIRO

Na noite de quinta-feira última realizou-se nas magnificas salas do Club Brasileiro, à Avenida da Liberdade, um grandioso baile, solenizando a data da Descoberta do Brasil, organizado pela ilustre direcção desta elegante agremiação, o qual decorreu sempre muito animado, tendo-se dançado quasi sem interrupção até de madrugada ao som de uma exímia orquestra «jazz-banda».

Pela uma hora da noite foi servido ao ilustre Embaixador do Brasil, sua esposa, filhas e genro, que à entrada no club foram recebidos com o Hino Nacional Brasileiro, e ao restante pessoal da Embaixada, uma taça de «champagne» oferecida pela direcção.

Na assistencia viam-se além dos ilustres diplomatas e sua familia, grande número de familias da nossa melhor sociedade e da colónia brasileira entre nós.

— Na paróquial igreja da Graça realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Lourenço Valente, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Lourenço Valente, com o sr. Acacio Carvalho e Silva, filho da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Carvalho e Silva e do sr. José Bernardo da Silva, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos, e de padrinhos o sr. dr. António Luizes e o pai do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residência da mãe da noiva um fino lunche, seguindo os noivos depois para o Pálice do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

## LIQUIDADORA DAS CHAGAS, LIMITADA

23 a 33, Rua das Chagas, 23 a 33 (Ao Calhariz) — LISBOA

COBRANÇA DE PENSÕES E VENCIMENTOS, nos Montepios, Repartições do Estado, etc. — HIPOTECAS, TRESPASSES, ALUGUEIS, SEGUROS NUMA DAS MAIS IMPORTANTES COMPANHIAS

MOVEIS NOVOS E USADOS, ANTIGOS, E MODERNOS, GRAMOFONES E DISCOS

FOGÕES DE FERRO

As leitoras da VOGA tem um desconto de 5% em todas as operações efectuadas nesta casa, desde que apresentem na ocasião o numero do nosso semanario que insira um anuncio igual a este.

TELEPHONE T. 838

# A RESPIRAÇÃO BASE DA VIDA

De uma maneira geral a nossa vida é simplesmente dependente do acto de respirar.

Quem vive respira! Quem respira vive!  
Não há assim organismo algum na natureza, quer seja vegetal ou animal, que não baseie toda a sua existência na respiração.

Desde o primeiro vagido da creança recém-nascida, que é afinal a sua primeira expiração, até ao último suspiro do moribundo, toda a vida humana é função da mecânica respiratória, quer estejamos acordados ou em sono profundo.

A respiração é pois o acto mais importante da nossa existência e necessário se torna portanto dedicar-lhe toda a atenção procurando sempre saber qual a maneira como deve ser efectuada a fim de que o máximo rendimento possa ser obtido e todos os seus benefícios perfeitamente aproveitados.

Um ser animal pode viver um determinado tempo sem comer, menor tempo sem beber, mas, se se impedir a sua respiração, a sua existência apenas poderá manter-se durante alguns curtos minutos.

Naturalmente ninguém foi ensinado a respirar. Respiramos naturalmente, mantendo uma regularidade mais ou menos perfeita que só as exigências da civilização actual modificaram, obrigando a maioria das pessoas a contrair hábitos perniciosos e tendentes a provocar uma má respiração.

Para que melhor possamos indicar qual o processo correcto como devemos respirar, analisemos primeiramente o mecanismo da respiração.

Verificamos assim que a respiração manifesta-se primeiro por meio dos movimentos elásticos dos pulmões e em segundo lugar pela actividade das paredes e do fundo da cavidade onde se encontra alojado o aparelho respiratório.

Chama-se vulgarmente «peito» à cavidade hermeticamente fechada, limitada na parte posterior pela coluna vertebral, na frente pelo esterno e nos lados pelas costelas, onde se encontram os pulmões e o coração.

No acto da respiração as costelas movem-se por meio de dois envoltórios musculares superficiais, chamados «músculos inter-costais» dilatando ou comprimindo os pulmões e consequentemente obrigando o ar precipitar-se ou a ser expellido para o exterior quando esse espaço diminua.

Quem no seu lar possui a VOGA, o MAGAZINE BERTRAND e a ILUSTRAÇÃO, — tres grandes revistas modernas e unicas no genero em Portugal — dá mostras de ser uma creatura do mais requintado bom gosto.



(Modêlo a que se refere a nossa Carta de Paris)

# CARTA DE PARIS

Minha querida:

Já por acaso notaste, distraído-te pelas ruas durante esta época, no aspecto de quasi todas as casas? A elas também lhes fizera a «toilette».

As janelas teem também uma «parure» fresca, os reposteiros foram renovados, branqueados, e limpas escrupulosamente as cortinas...

Muito bem... à vista destas rendas, destes bordados, eu ponho-me sempre a pensar, a construir a vida dos habitantes desta cidade...

Eis duas janelas bem brilhantes que o sol acaricia com os seus raios. Ligeiramente tingido de ocre, um tule muito fino as recobre. Grandes reposteiros de folhos franzidos dão um ar de alegre mistério. Mais longe pequenas vidraças antigas enchem-se da doçura de outrora.

Uma musselina bordada, ligeira, azulina, nebulosa, esconde quasi inteiramente um fino perfil de mulher.

Depois, uma lucarna guarnecida dum tecido de quadrados vermelhos e brancos. A gaiola do canario e o vaso de geranios completam a decoração.

Maravilhosos «stores» de Milão e de Veneza fazem a admiração de quem passa. Sinal de riqueza firme, de posição feita. E, eis, minha querida, o que eu noto ao vaguear pelas ruas de Paris, pesquizando um pouco e olhando a fisionomia das janelas.

Mas, voltemos às nossas conversas hebdomada-rias e abramos a caixinha das surpresas.

Eu já te escolhi as «toilettes» para de dia. Quer dizer: o «toiletteur», cada vez mais curto agora, para de manhã, e dois vestidinhos de tarde.

Na primeira linha: um «tailleur» em sarja marinha, a saia de largas pregas fundas, o casaco muito simples, sem algum enfeite, senão duas algibeiras fingidas.

Um blusão em crepe da China cinzento com cinto e fiavel, realizando um conjunto muito simples.

A casa «Lydia» mostrou-me um encantador vestido de tarde em georgette estampado a cinzento e vermelho.

Um lenço em batista com nó, um largo cinto em pele vermelha de gamo, assim como os pequenos viezes que debruam as costuras.

O terceiro vestido é de tarde; branco, a parte



inferior em azul pálido e a superior num lindo tecido de flores modernistas.

Beijos da tua lia muito amiga NUELMA.

# CRONICA DA SEMANA EPISTOLOGRAFIA ELEGANTE

O sr. André de Fouquières pertence ao número daquêles felizes que, não tendo de ganhar a vida nem tampouco de pedir a Deus que os livre de preocupações, passam o tempo a ser elegantes e a dar leis em questões de moda. É possível que as leitoras não conheçam o sr. De Fouquières, o que, diga-se desde já, é um crime imperdoavel contra o bom gosto!... Mas eu, Rosa Tirana, conhecedora das grandes celebridades mundiais, aqui tenho o gosto de lhes apresentar o aludido cavalheiro; chama-se André, usa adiante do nome de baptismo a particula nobilitante De, o que lhe dá um tom chique muito apreciavel; tem ali obra de uns trinta anos de idade, uma fortuna consideravel, uma fisionomia tem-tão-cáias, uma linha de irreprezível apuro e não tem absolutamente nada que fazer. É o que se chama uma criatura feliz. E como não tem nada, mesmo nada que fazer, gasta rios de dinheiro em modas masculinas e é o Petronio da grande capital francesa. S. Ex.º é hoje em Paris o que Jorge Brummel foi em Londres e Jerónimo Colaço em Lisboa: é o árbitro das elegâncias. Nunca mandou fazer um fato de saragoça como o janota londrino, nem guiou um carro a duas soltas por entre as áleas apertadas dum jardim, como o nosso diplomata... Mas isso não impede que, na Cidade Luz, se esteja sempre de olhos bem abertos para não deixar fugir uma invenção elegante de S. Ex.º, e de ouvidos bem atentos para escutar os seus ditames, infalíveis em questões ponderosas e urgentes do bom tom. O sr. De Fouquières reina, sem contestação, de ambos os lados dos Pirineus, e aí do elegante que não leia, escute e observe o janota parisiño!

A verdade, porém, é que S. Ex.º é duma pobreza de invenção extraordinaria. A mim, que sou um pouco irreverente para com as personalidades celebrizadas pela imprensa, afigura-se-me que o sr. De Fouquières é um pobretaina em questões de inventiva, um autêntico franciscano da moda!... Agora mesmo os jornais que imploram um artigo de S. Ex.º e o declaram a pura essência da humana sabedoria, agora mesmo esses jornais me elucidam a respeito dos últimos decretos do ilustre representante terrestre de Sua Magestade a Moda. Trata S. Ex.º da Arte da Correspondência e as suas determinações são fulgurantes. Não ensina a escrever bem porque se arriscava a que os manes da Madame de Sévigné ou do Padre António Vieira o mandassem passear... S. Ex.º trata apenas das coisas exteriores, materiais, digamos melhor, da arte de escrever. Assim o

sr. De Fouquières entende que a letra deve ser muito legível. Novidade nula: já a ingénua do *Quien supiera escribir!*, de Campoamor, pedia ao padre lá da freguezia:

*Hacede la letra bien clara, señor cura,  
Que lo entienda eso bien!*

Adiante. S. Ex.º diz também que as cartas devem ser datadas e levar o endereço de quem as escreve. A novidade tem pelo menos a idade da epistolografia!... Nas cartas destinadas a grandes personagens, deve-se empregar papel de grande formato com largas margens; começar à cabeça da carta com o apelativo dado à personagem em questão e iniciar a missiva na parte inferior do papel: tenho cá em casa epistololas dirigidas pela minha bisavó ao Senhor Dom Miguel I, que começam exactamente como prescreve o sr. De Fouquières. Isto até chega a desesperar uma alma que seja como a minha, sequiosa de novidades! Mas o árbitro das elegâncias parisienses vai agora encontrar *quelque chose de nouveau* para satisfação dos nossos espiritos perturbados. E assim ordena que o lacre esteja em harmonia com a carta que se escreve. Dirigimo-nos a uma alta personagem? Zás! lacre vermelho. Damos os pezames a uma alma aflicta? Pois lacre violeta te valha, santinha! E o sr. De Fouquières é de opinião que neste caso se poderia também empregar o lacre cinzento, que é como quem diz: côr de burro quando foge. Como vêem, aqui há já uma certa novidade. Mas, S. Ex.º vendo que já tinha dado largo pasto ao nosso desejo de coisas novas, fecha a torneira e condescende em não continuar a ser tão genial porque poderia morrer de esgotamento cerebral, e era uma perda para a Humanidade, tão precisada de grandes homens. E como fecho de ouro a tão formosas locubrações, ordena que as certas jámais sejam escritas à maquina porque isso indicaria um americanismo deploravel: as missivas, — de amor ou de descompostura, de negócios ou de pedincha — devem ser todas manuscritas...

...Mas aqui é que a minha sêde de algo de *nuevo* fica perfeitamente entregue à maior, à mais atroz das desolações!... É à mão, sr. De Fouquières! é à mão que a minha criada escreve ao civico dos seus sonhos a dizer-lhe que pode vir às tantas buscar o petisquinho que ela lhe arranjon para lhe confortar as visceras e basear o grande amor que lhe tem!... Decididamente este mundo dá vontade de morrer!

ROSA TIRANA.

# COMO DEVEMOS RESPIRAR

Todo o processo da respiração depende dos musculos que regulam os movimentos dos pulmões e para que seja possível obter-se uma respiração correcta bastará portanto regular o seu funcionamento de maneira a fazer com que os pulmões possam obter uma maior expansão e absorver assim uma maior quantidade de ar.

Para que a respiração seja absolutamente completa e uma quantidade máxima de ar penetre nos pulmões e seja distribuida por todas as suas partes, basta regular os movimentos respiratórios da maneira seguinte:

1.º Em pé ou sentada, o busto em posição vertical e respirando pelas fossas nasais, inala-se o ar com força enchendo primeiro a parte inferior dos pulmões, o que se obtém movendo o diafragma que ao descer exerce uma ligeira pressão sobre os orgãos abdominais e impele a parte fronteira do abdomen.

Em seguida fazendo levantar as costelas inferiores, o esterno e o peito, enche-se a região média dos pulmões.

Se depois avançarmos e elevarmos a parte superior do peito, o ar passará para a parte superior dos pulmões, contraindo o abdomen.

A primeira vista estes movimentos parecerão complicados e difíceis de realizar mas com um pouco de prática poder-se-há com a maior facilidade efectuar este exercicio numa acção continua e regular tentando evitar sempre as inalações bruscas e violentas que causam sempre cansaço.

2.º Sustar a respiração durante alguns segundos.

3.º Exalar muito devagar mantendo o peito em posição firme, fazendo reentrar um pouco o abdomen e levantando-o lentamente à medida que o ar deixa os pulmões. Quando o ar está completamente expulso deixar à vontade o peito e o abdomen.

Tais são os três tempos em que deve ser regulada a respiração e com alguma prática estes movimentos efectuar-se-hão quasi automaticamente.

Por este processo todas as partes do pulmão funcionam e distendem-se em todas as direcções.

Depois de conseguir realizar este exercicio com facilidade, poder-se há regular os tempos da inalação e expiração segundo as pulsações cardiacas, contando seis pulsações para a inalação, três pulsações para a retenção do ar no peito, e seis pulsações para a expulsão do ar seguido de um período de repouso de três pulsações.

# VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



(Modêlo a que se refere a nossa Carta de Paris)



# AS MODAS EM VOGA

A AMORÁVEL, DELICIOSA E BENÉFICA DITADURA DOS BÉBÉS...

A INDUMENTÁRIA DUM ALEGRE DITADOR DE CUEIROS...

QUANDO um filho nasce (esta observação é velha como a humanidade) tudo se transforma; como que tudo se ordena na família. O pai pode ser até aí um insensato, passando as noites longe do lar; a mulher pode ser uma frívola, uma distraída, deslumbrada pelas galas mundanas; a futura avó pode andar já quesilenta dos anos. Surge o neófito, surge o pequeno ditador e tudo entra na ordem.

Todos lhe reconhecem o seu «direito de mandar».

Qual é a ama que não diz que o «menino quer mama» ou então que «o menino não quer estar senão ao colo?»

Expontaneamente, sem que ele tenha outra atitude que não seja a de sorrir ou de chorar, todos lhe reconhecem o querer, o direito soberano do seu «querer».

A hora é das direitas, dizem os políticos, e ele é um chefe.

A mãe compenetra-se insensivelmente dos seus



## A PROPÓSITO DE LIVROS

CESTO DE CRAVOS, QUADRAS POR LUÍS SACRAMENTO — CONTOS LIGEIRÓS, PELO DR. BRITO CAMACHO.

DE *Cesto de Cravos* titulóu o sr. Luís Sacramento o seu primeiro livro de versos a que o crítico sr. José Agostinho antepôs algumas esperanças palavras de apresentação. É na verdade um cesto de cravos a brochura em questão, cravos quasi todos elles simples, humildes, mas rescendendo um perfume tão discreto e suave, tão cheio de modestia que logo dispõe bem o leitor, — em geral enfadado de versos. O sr. Luís Sacramento é muito moço, segundo parece, mas os seus versos, ingénios, denunciando influências inevitáveis, são contudo uma promessa que cumpre acarinhando sem lisonjas nem demasiados encomios: são dum principiante mas dum principiante que poderá ser alguém no dia em que maior ponderação e mais aferro ao trabalho de lima possuir na sua arte. O maior elogio que podemos fazer ao *Cesto de Cravos* é transcrever para aqui as quadras — o livro é todo em quadras — que conseguimos salvar da apertada joieira a que as submetemos:

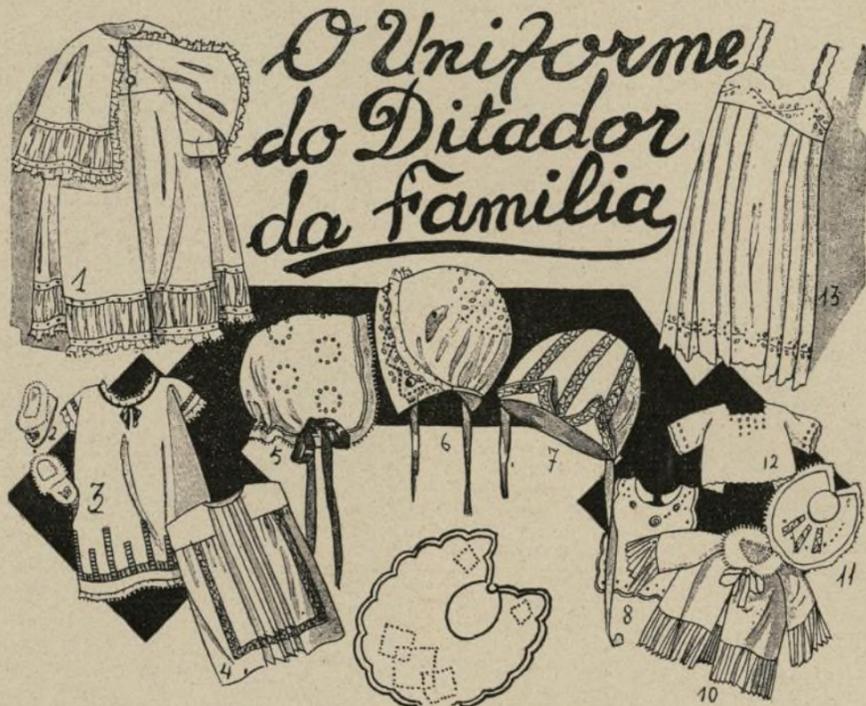
Ó alma que tanto sobes,  
Alma que tanto rastejas,  
Por mais que subas e desças  
Não chegas aonde desejas!

As vezes ouço dizer  
Que na ausencia morre o amor.  
— Mas quando a fogueira é grande,  
Vento de longe é o pior!...

De há muito que o sr. dr. Brito Camacho tem os seus créditos garantidos: como jornalista foi dos melhores do seu tempo, e está na memória de todos, adversários e amigos, o que foi esse jornal *A Luta*, pelo mesmo senhor dirigido durante muitos anos; como prosador e contista também as suas obras lograram um acolhimento que não foi de favor mas sim de plena justiça. A maneira muito especial deste homem de letras de Portugal, sarcástica, irónica, pondo sempre uma nota de riso — talvez amargo, quem sabe! — em quanto escreve, é inconfundível, distingue-se à légua. Tudo lhe serve para um comentário ou um desenvolvimento risonho: uma anedocta, um episódio ligeiro, a leitura duma local; no íntimo lá está o jornalista de verdade e de escola antiga, da escola, hoje infelizmente desaparecida, de Aurelien Scholl e desse desventurado Câmara Lima, que o sepulcro dá pouco tempo trago. E o livro que temos presente não vem por forma alguma desmentir o apreço em que tinhamos o escritor. Os *Contos ligeiros*, na sua maioria risonhos comentários à margem da vida, foram em tempos publicados na *Luta* e reflectem uma personalidade de jornalista por demais conhecida de amigos e adversários. O sr. dr. Brito Camacho poderá não ter razão no que diz: o que tem é graça, uma graça amarga, de quem muito viu e não acredita na bondade do homem. Irreverente, sarcástico, sem contemplação, às vezes livre no apresentar e criticar dum episódio, é possível que o livro *Contos ligeiros* irrite muita gente... Mas, o que ninguém poderá negar ao seu auctor é as reais qualidades de escritor, leve e despreocupado, que nêle concorrem. Seria uma injustiça negar aquilo que afinal é por todos reconhecido e com razão!

F. M.

**VOGA**  
Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas



## O Uniforme do Ditador da Família

deveres, um novo amor, uma nova ternura, um novo horizonte amplo lhe surgem nas pequenas pupilas do recém-nado, nas suas faces rechonchudinhas, no seu corpinho róseo.

O pai, de repente sente-se homem: «Tenho que ter juizo» diz elle aos amigos, «tenho que olhar pelo futuro do rapaz».

A avó já não anda rabugenta, com receio de acordar o «seu menino», filho da filha — duas vezes filho.

E tudo, sem attrictos, sem revoltas, entra no bom caminho.

É o pequeno ditador, com mão de mestre, que passa de aí em diante a guiar os destinos da família.

A jovem-mãe começa a pensar melhor os seus gastos, a poupar nas *toilettes*, a economizar o mais possível. O pai estabiliza com mais prudência os seus negócios, evita as viagens, passa a fumar menos: — é preciso construir o futuro. Duma família desorganizada, desconexa, faz o pequenito um lar que é um modelo de virtudes.

Aqueles frágeis cinco dedos da sua rósea mãozinha sabem segurar e guiar o destino de todos os seus.

Como todo o verdadeiro dominador de povos, elle a todos os seus subditos leva a felicidade. Todos elles passam a encarar a vida por um outro prisma, pela faceta rebrilhante e pereneamente feliz da paz tranqüila e do pão bem ganho, em plena concordância com a saúde e a Natureza.

Para a avó, então, é um novo sol a que vai aquecer os ossos que os anos gelaram e reumatismaram. E o bebé sorri do pequeno berço — e esse sorriso enche a casa toda, embriaga de felicidade toda a família. Ainda não fala e já manda, ainda não pensa e já domina, ainda não anda e já encaminha os passos de todos os seus.

Bendita a tua ditadura, bebé loiro, bendito o despotismo azul dos teus olhinhos de safira!...

Vai crescendo. Depois de «papá» e «mamã», depois de «sim» e «não», uma das primeiras palavras que aprende a dizer é «quero» — um «quero» arrevezado, na sua língua de trapos. É que o homem-criança começa cedo a querer. Mas nessa idade gentil e branca o que elle quer é que todos lhe sorriam, que todos andem alegres em sua volta.

Se a «mãezinha» tem vontade de chorar, logo a obrigará a sorrir, a obrigará a cantar — e o cantar, desde os gregos, é a melhor, a mais eficaz maneira de esquecer a dor.

E até nos criados o despotismo cor-de-rosa do bebé se faz sentir benéficamente. Todos elles amam o seu olhar azul, o seu sorriso luminoso.

As vezes porém, os bebés exorbitam um pouco. Então o papá, que lhe doi a cabeça dos «números e da escrita», ferra-lhe o seu açoite-sinho. E que o pai tem a expontânea ditadura da Felicidade e da Vida natural e simples.

Uma das coisas que mais preocupam as futuras mães é, sem dúvida, aquilo que nós chamaremos, nesta linguagem figurada com que vimos tratando El-Rei-Bébé, o uniforme do Ditador da Família. E que os Mussolinis do lar teem uma indumentária complicada e faustosa — até tem *toilettes* de gala com capa e touca de folhos.

Vindo dar aqui vários modelos do seu vestuário cumpre a *Voga* a sua missão de ajudar a mulher portuguesa em todas as dificuldades do seu lar.

A jovem-mãe pagará o seu tributo ao bebé em ternura — mas também o pagará em vestidos, babeiros e toucas. Como todo o homem verdadeiramente superior, elle desdenhará disso, não se importará com os seus vestidinhos, maculá-los-há de baba e outras infantilidades. Qual é, porém, a mãe que não deseja engalanar o seu filhinho em ricas cambraias e opales? Quem os não desejará cheios de rendas e fitas?

Aqui tendes, pois, leitoras amigas, vários e lindos modelos. Mesmo aquelas que ainda dèles não precisem podem guardá-los para um dia...

Temos o N.º 1 que é um lindo vestido-capa em crepe da China branco, enfeitado com tule. Com o N.º 2 temos sapatinhos bordados e debruados de arminho.

N.º 3, vestido vistoso, graciosamente enfeitado com largos *ajours*.

N.º 4, lindo vestido sem mangas enfeitado com entremeio e plissados — o que lhe dá uma nota *chic* e moderna.

N.ºs 5, 6 e 7 são magníficas toucas em seda ou opale, guarnecidas de tule bordado e rendas, todas elas de um bom gosto notável.

N.ºs 8, 9 e 11 são três lindos babeiros, muito elegantemente bordados e com *ajours*.

N.º 10, é um excelente casaco guarnecido de folhos plissados nas mangas e em baixo. Completa-lhe o seu magnífico aspecto uma gola em pele de arminho.

N.º 12, camisinha em piqué, muito engraçada, bordada com pequenas bolas.

N.º 13, combinação em linon branco, finalmente bordada.

N.º 14, vestido-capa em crepe da China branco, enfeitado com applicações e tule, do que resulta um magnífico conjunto.

N.º 15, camisinha em linon, minuciosamente enfeitada com finas rendas.

E até para a semana.

MADemoiselle X.

## RECEITAS DE COSINHA

### ARROZ A ITALIANA

Tomem-se 200 gramas de arroz e levem-se ao lume a branquear em água temperada com sal, em seguida escorrem-se, refrescam-se com água fria e escorrem-se de novo.

Numa caçarola à parte põe-se a refogar numa mistura de molho de estufado, manteiga e banha, um pouco de cebola e salsa picada. Quando a cebola estiver loira, deita-se dentro da caçarola bocadinhos de fígado de vitela, acrescentando o mólho com pingos de caldo para não pegar. Quando o fígado estiver guizado acrescenta-se o mólho com mais caldo para cozer o mólho que deixamos branqueado. Deixe-se cozer a fogo brando mechendo a caçarola até que o arroz fique cozido e bastante enxuto. Chegando a este ponto junte-se ao arroz uma porção de parmezão ralado.

A massa assim obtida, lança-se numa forma de banho-Maria untada com manteiga e leva-se ao lume tendo deitado na água do banho-Maria um pouco de carbonato de sódio, para elevar a temperatura da ebulição da água. Para abreviar a cozedura do pudim põem-se algumas braças sobre a tampa do banho-Maria. Depois de cozido inverte-se a forma sobre um prato e serve-se acompanhado de mais queijo parmezão ralado.

### FRANGO A VENEZIANA OU «AU GRATEN»

Depois de depenado, chamuscado e limpo de visceras o frango, abre-se ao meio pelo dorso no sentido do comprimento ficando em duas partes iguais.

Põe-se em seguida a marinar em vinho branco, salsa picada, pimenta em pó e sal fino.

Passadas algumas horas de marinagem põe-se a cozer numa caçarola na marinada acrescentada de manteiga e caldo que se junta pouco a pouco.

Engrossa-se o molho com um pouco de farinha e, depois, dispõem-se as metades do frango numa travessa de ir ao forno, regam-se com todo o mólho, polvilha-se com queijo parmezão e pão ralado, cobrem-se com bocadinhos de manteiga e leva-se ao forno até alourar o pão.

### DOCE

#### PUDIM DE LEITE GELADO

Emprega-se os seguintes elementos:

Leite .....	01,5 (500 c3)
Assucar .....	200 gr.
Gemas de ovos.....	8 (120 c3)
Gelatina (Coignet).....	25 gr.
Baunilha.....	9 b.

Corta-se a gelatina em bocadinhos, deita-se de mólho em pouca água e depois põe-se em lume brando até que fique dissolvida. Esta operação deve executar-se preferivelmente numa capsula de porcelana e a banho-Maria.

Batem-se as gemas de ovos com assucar, ferve-se o leite, mergulhando nêle por algum tempo um pau de baunilha e misturando-se-lhe os ovos fóra do lume, para não tallarem, mexendo sempre; em seguida, junta-se a gelatina quente e continua a mexer-se muito bem para uniformisar a massa.

Passa-se a pudineira de lata em água bem fria ou queima-se-lhe dentro uma colher de assucar bem espalhada.

Em seguida, deita-se nela a massa do pudim, que só se tira depois de perfeitamente congelada.

**VOGA**  
É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

## MAQUIAVELISMO AMERICANO

Os chineses modernizam-se. Nas principais cidades do ex-Celeste Império os trajes europeus, coados através da ditadura imperiosa da moda parisiense, começaram a fazer à indumentária nacional uma guerra implacável — guerra que tudo indica dever terminar por uma estrondosa vitória. Em Shangai e Cantão são já em grande número as raparigas que adoptaram a moda dos cabelos curtos, a pesar de, naquela última cidade, um general ter, como referimos num dos nossos números anteriores, ordenado o fuzilamento das que tornaram sintéticas as suas cabeleiras, considerando-as como um indicio de influência bolchevista...

Ao passo que na China a moda dos cabelos curtos tende a generalizar-se, a dos cabelos compridos começa a enraizar-se novamente na América do Norte.

A China passou a fornecer as cabeleiras guilhotinadas, das raparigas que adoptaram as modas europeias, à América do Norte.

Há, devido a esse facto, quem afirme que a vulgarização dos cabelos curtos, na China, obedece a um maquiavelismo das mulheres americanas...

## MARIA GENTILE

A voz e a formosura estão ao mesmo nível. Ambas arrebata e ambas seduzem. A voz dulcifica o ouvido e a formosura extasia o olhar.

Maria Gentile é linda e tem uma voz deliciosa. Uma voz assim, cheia de tonalidades e malévola como a dela, permitindo-lhe trinos, suspensões e notas agudas de difícil execução, magnetiza-nos e transporta-nos às regiões do étereo.

Maria Gentile, que é tão grande na arte do «bel canto», é inteiramente despida de vaidades, incedivelmente culta e de uma captivante amabilidade.

São quatro, apenas, as óperas com que nos



delícia: «Lucia de Lamermoor», «Rigoletto», «Barbeiro de Sevilla» e «Sonambula», e depois das cantadas, depois de nos termos deleitado com a sua voz divina, recordar-nos-emos de Maria Gentile como de um anjo, que do infinito veio até nós, adornar os nossos sonhos num cântico celestial.

## CONCURSOS DE BELEZA PELA T. S. F.

A nossa época, a pesar do seu comercialismo e do seu industrialismo intensos, não desdenha a beleza, a pesar do que, em contrário, pretendem demonstrar certas almas demasiado poéticas e talvez um pouco roídas pelo despeito...

Os concursos de beleza multiplicam-se em todos os países, embora sejam mais numerosos na América.

Um dos mais recentes, feitos neste último país — e a que não faltava originalidade — premiava a rapariga que tivesse o mais bonito pé.

Ganhou o concurso Jane Murray, que, dum momento para o outro, passou da sua obscuridade de humilde figurante de revista a uma celebridade e uma popularidade enormes, pois o seu nome foi pela T. S. F. rapidamente difundido por todo o mundo.

Na América a T. S. F. está, de resto, colaborando em concursos de beleza.

Há alguns meses foi necessário eleger uma rainha de beleza, a fim dela desempenhar o papel da bela Helena num grande filme. As concorrentes, após uma rigorosa selecção que reduziu o seu nome a doze, compareceram na estação rádio-telefónica de Los Angeles, onde uma artista conhecida fez, aos auditores, tranquilamente instalados nos seus postos, uma minuciosa descrição de cada uma delas. Alguns dias depois estava eleita a rainha, a qual iniciava a sua vida nos stúdios.

## A MAIOR DESVENTURA HUMANA

CONTO DIALOGADO DE HELENA DE GUSMÃO

(Num terrasse de hotel da linha de Cascais)

ELVIRA — Noutro tempo eras tão alegre, tão expansiva...

MARGARIDA (sonhadora) — Como essa época me parece distante...

ELVIRA — Foi há cinco anos. Tu eras a mais desinquieta de todas. Zombavas de todas as nossas condiscípulas, fazias toda a espécie de pirraças. Mas, tinhas bom coração, estavas sempre ao lado das mais fracas, amparando-as, defendendo-as. E como eras uma boa aluna, uma aluna que constituía motivo de orgulho para todo o colégio, a directora nunca te castigava. Quando muito fazia uma fisionomia muito severa, procurava tornar um pouco áspera a sua voz. A maior reprimenda que te deu ia-me provocando o riso. Calcula como poderia manter-me séria quando ela te disse: a menina há-de-me ficar odiando, por me ver obrigada a castigá-la continuamente. Como se ela te tivesse castigado alguma vez!

E — recordas-te? — ganhavas sempre os primeiros prémios.

MARGARIDA (com melancolia) — Ganhava-os até quando não estudava e vocês me iam dando, em voz baixa, a resposta às perguntas que a directora me fazia. (Com desalento): Já nesse tempo era feliz.

Mas, ainda não me contáste o que tens feito durante os anos que estivemos sem nos ver...

ELVIRA — Tenho sofrido bastante. Meus pais são muito indulgentes, desculpam-me sempre que podem. Mas meu irmão...

MARGARIDA — Teu irmão?...

ELVIRA — Não o conhecêste, porque ele, nesse tempo, estava na Bélgica, concluindo os seus estudos. É um rapaz severo, de poucas palavras, dum autoritarismo atroz. Enquanto ele andou lá por fóra, sempre podia assistir a uma festa de caridade, tomar parte num baile. Com a vinda dele, tudo isso mudou.

MARGARIDA — E tens pais?

ELVIRA — Meus pais, teem por ele uma adoração cega. Tudo quanto ele diz tem o valor dum dogma.

MARGARIDA — Porque considera ele um crime as festas de caridade?

ELVIRA — Diz que não passam duma farça. Chama-lhes feiras de vaidades, manifestações da mais detestável hipocrisia...

Meus pais julgam-no muito ajuizado. Quanto a mim é doido, doido varrido; tem a cabeça completamente desarranjada por umas filosofias estranhas que me sinto incapaz de compreender.

E também és contrariada?

MARGARIDA — Não. Meus pais adoram-me, fazem-me todas as vontades. Mais: submetem-se a todos os meus caprichos. Chego, às vezes, a pedir-lhes coisas quasi irrealizáveis, a ver se me contrariam. Não há maneira.

ELVIRA — É porque não tens um irmão da força do meu.

MARGARIDA (num tom triste) — Não é por isso, minha querida. Isso de ser feliz nasce com

a própria pessoa. É uma espécie de sina — de má sina, quem sabe!...

ELVIRA — É que tu não conheces o meu irmão. É intratável, duma vontade tenaz...

(Duas horas depois no mesmo terrassé do hotel).

MARGARIDA — Com que então o senhor é um tirano para sua irmã? Deve ser muito mau, para a condenar a viver à margem de toda a alegria e de toda a recreação inocente. Olhe que a alegria é tão necessária à vida como o ar ou a alimentação!...

JORGE (um pouco alheado) — Minha irmã exagera. Sou até muito benevolente. Mas, pelo que acabo de ouvir, ela esquece-se da grande amizade que lhe tenho. Creia que penso muito mais nela do que em mim.

MARGARIDA — Seria preferível, para ambos, que pensasse mais em si do que nela. Lembra-se de que ela já não é uma criança.

JORGE (com redobrado enleio) — Mas, minha senhora...

ELVIRA (aterrorizada) — Margarida, peço-te, não faças zangar meu irmão!

MARGARIDA — Também querera tyrannizar-me, impedir-me de ser sincera? Julgava que a minha qualidade de amiga íntima de sua irmã me dava o direito de lhe falar assim. Mas se o não contento, paciência. Não lhe falo mais... Era até capaz de praticar, para comigo, uma má acção.

JORGE (com estranheza) — Uma má acção?

MARGARIDA (ironica) — Fazer-me um desses prolixos discursos filosóficos com que torna cinzenta a existência da minha amiga.

JORGE (um pouco constrangido) — Creia que tenho o maior prazer em a ouvir.

MARGARIDA — Mas nenhuma disposição de concordar...

JORGE — Pelo contrário. Tenho até um desejo ardente de lhe ser agradável.

MARGARIDA (com intenção) — Se eu lhe pedisse para consentir que sua irmã viesse esta noite a um baile comigo, baile para o qual fica convidado, se a sua filosofia se não zanga...

JORGE — Mas de boa vontade.

ELVIRA (admirada) — Jorge! Tu deixas-me ir a um baile?

JORGE — Evidentemente.

MARGARIDA — Dá-me a sua palavra de honra.

JORGE — Nunca faltei à minha palavra.

MARGARIDA — Nunca? (ao ouvido de Jorge, baixinho): E se eu lhe pedisse para deixar ficar sua irmã em casa e vir só o senhor ao baile?

JORGE — Seria uma coacção...

MARGARIDA (com ansiedade) — Obedecia?

JORGE (risinho) — Era uma violencia, mas curvava-me.

MARGARIDA (com os olhos marejados de lágrimas, estreitando Elvira num nervoso amplexo) — Sou tão infeliz!

ELVIRA (admirada) — Porquê?

MARGARIDA — Porque não consegui até hoje sentir a menor contrariedade. Quem me dera ter, como tu, um irmão que me tyrannizasse!...

## OS CONCURSOS DA VOGA AS NOSSAS LEITORAS E ASSIGNANTES

### CONCURSO DE BELEZA INFANTIL

Tem obtido um êxito fóra de toda a expectativa o concurso que *Voga*, semanário ilustrado da mulher, abriu entre as suas leitoras e assignantes, afluindo constantemente à nossa redacção retratos e mais retratos de lindíssimos bebés. Como desejamos que todas as nossas queridas leitoras e assignantes possam concorrer, aqui apresentamos de novo as condições do concurso em questão.

Atendendo, porém, a que motivos imperiosos e que noutra página deixamos expostos, nos forçamos a adiar a abertura do Salão da Elegância Feminina e Artes decorativas, e não urgindo, portanto, apertar o prazo concedido para a remessa das fotos dos bebés das nossas queridas leitoras, resolvemos por isso ampliar o dito prazo conforme abaixo vai indicado.

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá SER FILHO DE UMA ASSIGNANTE. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou pais se inscrevam como nossos assignantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos.

As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia 31 do próximo mês de Maio, findo o qual mais nenhuma será admitida. Um júri expressamente convidado pela *Voga* escolherá, dentre todas as fotografias enviadas, dez que apresentem autênticos modelos de beleza infantil. Esses dez retratos serão depois publicados (sem nomes, para não haver influências de espécie alguma) no número do dia 10 de Junho, ocupando uma página inteira deste semanário para que as nossas leitoras e assignantes se pronunciem acerca de 4 dos retratados, votando naquelles que se lhes afigurem os mais belos. O resultado da votação será inserto no número da *Voga* que sai a 8 de Julho.

#### OS PRÉMIOS

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.ª, bem como todos os que se publicarem do mesmo género e os quais serão enviados à mamã do 1.º premiado até que este prefaça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.ª e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

#### SALÃO DA ELEGÂNCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em ver, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assignantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados?

Que todas, pois, concorram ao

#### CONCURSO DA BELEZA INFANTIL ABERTO NA VOGA

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER

## M. ME LEMAIRE E OS ALEMÃES

MADAME Madeleine Lemaire, recentemente desaparecida do número dos vivos, era, além duma pintora de universal reputação, uma mulher de nobre coragem e de abnegados sentimentos.

Durante a guerra europeia, em Setembro de 1914, os alemães invadiram o Marne, apoderando-se da pitoresca propriedade que aquella illustre pintora possuía numa das margens do rio célebre.

Madame Lemaire suportou, com grande dignidade, sua difícil situação, impondo-se ao respeito dos officiaes alemães aboletados em sua casa, os quais, aliás, a trataram sempre com grande respeito.

Uma manhã appareceu por sobre as árvores do parque um avião francês, aprestando-se logo as metralhadoras alemãs para o derrubar a tiro.

— Não disparem sobre elle — supplicou Madame Lemaire, aos officiaes alemães. Teria um grande desgosto que caísse em minha casa, ferido ou morto, um francês.

Um dos officiaes, sensibilizado pelo tom ardente desta súplica ordenou aos soldados que não disparassem.

O official, porém, envergonhado da sua condescendencia para com Madame Lemaire, acrescentou:

— Ordenei que não disparassem por ter a certeza de que elle não escapa. Todos estes terrenos em volta estão occupados por metralhadoras.

Madame Lemaire fingiu delicadamente acreditar no disfarce do alemão, e retirou-se apressadamente para os seus aposentos a fim de esconder, d'elle, a alegria de ter salvo da morte um avião francês.

## STANY ZAWASCA

É sempre grato registar a passagem de uma artista de nome e, assim, tivemos o prazer de trocar algumas palavras com Stany Zawasca.

Stany Zawasca é uma cantora, uma cantora



como nem todas sabem ser. Ouvimo-la, com imenso prazer, na «Aida», «Trovador», «Tosca», «Cavalaria Rusticana» e «Gioconda» e gostámos muito.

Stany Zawasca, além de saber cantar, sabe representar ou seja o mesmo que dizer que possui os dotes indispensáveis a uma grande artista.

Com prazer aguardamos nova ocasião para applaudir Stany Zawasca, a quem podemos chamar uma grande e insinuante cantora.

## BUDA E AS BONECAS

ENTRE os mussulmanos como entre os discípulos de Buda, — na Arábia, como na China, — o nascimento duma rapariga não é considerado um acontecimento feliz.

Prefere-se antes um rapaz, que será o herdeiro directo do nome e guardião futuro dos deuses lares.

Na China há templos especiais onde as mulheres vão orar a Buda, pedindo-lhe que lhes nasça um filho em vez duma filha.

Os soclos das estatuas gigantescas do Buda e de sua esposa estão decorados de bonecos do sexo masculino que as mães ofertaram ao Deus benevolente que se dignou atender suas orações.

Um chinês voltairiano ousou, há pouco, sobre o Buda esta frase de ligeira irreverência:

— O Buda não é benevolente. O que elle gosta muito é de bonecos...

TODAS AS LEITORAS E ASSIGNANTES DA VOGA DEVERÃO PREFERIR OS NOSSOS PRODUCTOS DE BELEZA Ayuntamiento de Madrid

Vestido de noite em renda crua, fundo rosa, faixa em 'georgelle' do mesmo tom. Creação Rive. Foto Henri Manuel



Vestido de tarde, fundo em 'georgelle' verde-agua, bordados em cores e franjas de perlas em escala de tons. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Vestido em lame guarnecido de tule. Foto Manuel Freres



Vestido de tecido impresso em gris avermelhado e branco, com crepe branco plissado. Creação Philippe et Gaston. Foto Manuel Freres



Sabia em marroquin cinzento, 'sweater' em cinzento e violeta. Casaco cinzento. Creação Beer. Foto Manuel Freres

Vestido de noite em crepe 'georgelle' dourado, bordado em seda do mesmo tom. Creação Philippe et Gaston. Foto Manuel Freres



Vestido de baile verde jade bordado com perolas brancas. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Capa em selim negro encrustado de flores de lame, ouro e prata e varios cores. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Vestido de baile em selim preto e rosa, 'motivo' e bordado em perolas prateadas. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Vestido em musselina verde-jade com faixa em 'tulle' do mesmo tom. Creação Cotyl



'Bangkok' em berbe enfeitado no mesmo tom. Creação Marthe Riviere. Foto Henri Manuel



Capeline 'Bakou' natural, plumas 'bois de rose' e vermelhas. Creação Helene Corbett. Foto Henri Manuel

Casaco de meia estação em 'charmelaine' preta, virados em 'casha' natural e cereja. Creação Cotyl. Foto Henri Manuel



Vestido de baile em 'georgelle' turquesa bordado em perolas rosa e turquesa. Foto Manuel Freres

Saida de baile em veludo verde-amendoa, guarnecido de renda dourada. Creação Felix Dupony. Foto Henri Manuel

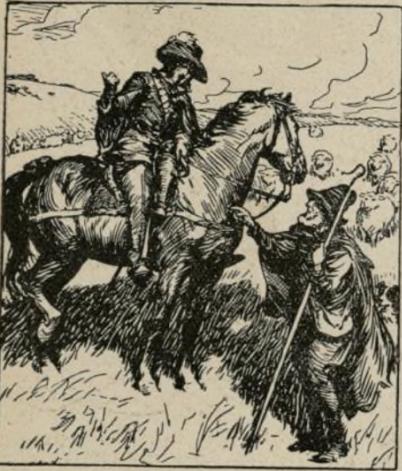
## O CAVALEIRO E O MENDIGO

**C**AVALEIRO — disse o velho mendigo apoiando-se ao bordão — há na vida sempre dois caminhos a seguir. Um conduz à Felicidade, outro, à Desventura.

Esse que me pergunta, ignoro-o. Não sei, nunca nele ouvi falar. Nem conheço tampouco a donzela dos cabelos de ouro e olhos de esmeralda. Se a Felicidade está na riqueza, posso garantir-lhe, cavaleiro, que essa donzela fará talvez a sua felicidade. Deve, pelo menos, valer tanto quanto peza. Mas deixe-me prevenir-lo desde já de que o caminho para o seu palácio deve ser longo, semeado de perigos e ciladas. O caminho para a Felicidade é sempre mau e comprido; para a Desventura, curto e fácil.

Era ao cair da tarde. As palavras do mendigo, ali na charneca êrma, onde apenas soavam a espaços, os chocalhos de um rebanho, tinham uma estranha ressonância. Rodrigo encarou o velho, por momentos. Dir-se-ia estar na presença de um desses octogenários, meio filósofos, meio mendigos, de que nos falam antigas lendas que se contam junto da lareira quente e crepitante, quando a invernia anda desenfreada lá fora, na noite escura.

O cavaleiro não sabia que decisão tomar. Circumvagou a vista. A planície, à hora branda do crepúsculo, parecia-lhe mais vasta e misteriosa. Meter ao acaso durante a noite, através do desconhecido, era uma temeridade. Aconselhava-o o bom senso a que ficasse por ali, que não devia estar longe de povoado e o velho deveria saber onde acotar-se. Algo lhe segredava também que partisse, que mandasse o bom-senso ao Demo e encomendasse a alma a Deus. Um cavaleiro, de boa estirpe,



habitado a lutas de um contra dez, acostumado a ver, sem desânimo, a morte roçar-lhe pela frente, não deveria hesitar. A hesitação é um começo de cobardia; no combate é o início da debandada. Acoitar-se ali perto seria um princípio de renúncia que sua consciência repelia com nobreza.

Mas lá vinha novamente o patife do bom-senso, com péssimos de lá, puxar-lhe pela manga do casaco e murmurar-lhe:

— Cuidado, cavaleiro, cuidado... A charneca está infestada de salteadores, fortes e aguerri-dos como exercitos. Pelo silêncio da noite, por muito longe que vos encontréis, eles notarão o trote do cavalo na relva fôfa e o tilintar das moedas de ouro na vossa bolsa. Virão, na sombra, espíri os vossos passos e, quando menos o esperardes, aí vos tendes a contas com duas ou três dezenas de bandidos. O vosso brio é forte, a energia inquebrantável; mas brio e energia nada podem contra o impossível. Há cobardia e há prudência. Ficar aí, no povoado próximo e aguardar, nem que seja no palheiro onde a montada durma, o nascer do dia, é um acto de prudência que mal não fica a um cavaleiro da vossa estirpe.

O mendigo já ia a afastar-se a caminho do povoado quando Rodrigo o chamou. Quería que o pobre velho resolvesse o seu problema de consciência.

— Diga-me, homensinho — pediu-lhe o fidalgo — que faria no meu caso: aventurar-se-ia, pela noite, para longes terras, talvez mais próximas da donzela cujo encanto lhe enchesse o coração, ou quedaria por aí, como um cobarde, em seguro abrigo?

— Creio, cavaleiro, — respondeu-lhe o velho — ter-lhe dito tudo o que sabia e poderia dizer quando me pediu que lhe indicasse o caminho da Felicidade. Agora pede-me um conselho. É muito, é demasiado para as minhas posses de mendigo. Se me pedisse dinheiro, talvez encontrasse no meu alforge alguma moeda insignificante e dava-lha. Um conselho é riqueza que nem todos possuem para dar.

— E quanto queres tu por um conselho? Pedes velho: vende-mo, pagar-te-hei quanto me pedires — disse-lhe Rodrigo, de má catadura.

O pobre pedinte sorriu um misterioso sorriso e tornou-lhe:

— Um conselho, se o tivesse, não o venderia. Guardá-lo-ia para mim. Não há palácios de mármore, não há donzelas de olhos de esmeralda, não há tesouros de reis que valham um simples conselho. Quantos imperadores, quan-

## HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

### O REI, A RAINHA E O VEADINHO

**E**RA uma vez um rapazinho que tinha uma irmã muito novinha e linda como os amores. O rapaz um dia convidou a irmã a ir dar com ele um passeio e, tomando-a pela mão, saíu com ela de casa, pondo-se ambos a caminhar, a caminhar, para muito longe da casa de seu pai, porque a pobre da sua mãe-sinha morrera havia tempos e a madrastra era má como as cobras, tratando muito mal os infelizes enteados.

A certa altura do passeio, já ambos os irmãos iam muito longe, o rapazinho sentiu muita sede e, deitando-se no chão, começou a beber da água dum ribeirinho que por ali passava. Mas a madrastra, que era bruxa, tinha enfeitado a água do ribeirinho... De maneira que, mal o rapazinho começou a beber, ficou logo transformado num veadinho! A irmã, quando viu isto disse:

— Descansa, meu querido irmãozinho, descansa que eu nunca te abandonarei: hei-de viver sempre, sempre contigo!

E tirando um cinto dourado que levava, pôs-lho à roda do pescoço, e com ele o foi guiando. Tempos depois chegavam a uma cabana que não tinha dono: entraram, a menina tratou de arranjar de comer para o irmão e depois de o ver satisfeito e de o acariciar, encostou-se a ele e, fazendo almofada de uma das suas patinhas, ficou a dormir.

Poucos dias depois ouviu-se no bosque uma buzina de caça: andavam por ali caçadores e o veadinho, coitado, andava lá fora, sabe Deus em que perigo!

— Ouve irmãozinho do meu coração: é melhor não saíres... E se teimares em sair eu não abro a porta a ninguém: tu fecha-la à chave e quando voltares bate à porta dizendo: «Irmãzinha, deixa-me entrar!»

Passaram-se três dias assim e, em certa ocasião, o veadinho perseguido pelos caçadores, fugiu a bom fugir, até que os caçadores foram ficando para traz todos, menos um que o seguiu de perto. O veadinho numa carreira, dirigiu-se para a porta da cabana aonde estava a irmã, e batendo disse:

— Irmãzinha, deixa-me entrar!

O caçador que vinha perto já, ao vêr e ouvir isto ficou espantado como os meninos podem pôr na sua ideia. Foi logo dali contar ao Rei tudo quanto tinha visto e ouvido e daí a pouco o Rei, sózinho, sem cães nem caçadores, dirigiu-se para a cabana e batendo à porta, disse:

— Irmãzinha, deixa-me entrar!

A porta abriu-se e apareceu a linda menina irmã do veadinho... A pobre menina ficou muito assustada quando viu diante dela um homem em lugar do veadinho... Mas, o Rei disse-lhe que se não assustasse, beijou-lhe a linda mãozinha e pediu-lhe que o acompanhasse ao palácio e casasse com ele. A linda menina aceitou, mas pôs como condição, para ser esposa do Rei, que levaria consigo o veadinho. O Rei disse logo que sim e chegando ao palácio

### O VINHO E A FIDELIDADE

**A**FIRMOU-SE, durante muito tempo, que as mulheres, fazendo-se escritoras, não trariam à literatura nenhuma novidade. Eis uma opinião que carece de fundamento e de justiça, pois só a circunstância das mulheres terem invadido a literatura, constitui já uma novidade, visto que, anteriormente, ela não passava duma função desempenhada apenas por homens.

Houve ainda quem imaginasse que as mulheres se entregariam unicamente à narração, pueril e romântica, de paixões irreais e de vãos, quiméricos e mórbidos estados de alma. Os desmentidos não tardaram, eloquentes e abundantes.

Ainda há pouco uma escritora publicou um volume grave, compacto, em que são estudados os méritos espirituais dos vinhos franceses. Segundo a autora da obra, cada vinho possui um poder oculto. O da Alsácia, por exemplo, tem a propriedade, sobremaneira estranha e preciosa, de infiltrar, no coração das mulheres, a fidelidade.

Se os alsacianos do sexo masculino acreditarem nesta estranha teoria, os vinticultores daquela provincia francesa tem, além do consumo assegurado do vinho, a possibilidade de

tos mercados riquíssimos que podem comprar as jóias mais raras e as mulheres mais belas o teriam comprado — o bom conselho — se pudessem!

Rodrigo sentia-se vexado ante a dialética do velho. A noite começava a envolver em sombras espessas os séres e as coisas. Havia em torno uma quietude dormiente e impregnada de mistério.

— Salve-o Deus, tiozinho!

— Salve-o Deus, cavaleiro!

E o ginete, veloz como o vento, levou o cavaleiro andante, que a noite como imensa e sinistra guela tragon num momento.

Na charneca só ficou o mendigo a olhar a noite por muito tempo.

MÁRIO DOMINGUES.

desse às damas do paço que vestissem muito bem aquela linda menina, a qual dali a pouco ia casar com ele e ser a Rainha daquele reino.

Casaram, foram muito felizes, e a Rainha sempre que ia passear com as suas aias levava consigo o irmão, transformado como os meninos sabem, num lindo veadinho todo branco em cujo pescoço se via o cinto de ouro que a irmãzinha lhe puzera.

Um dia a madrastra, que era má como as cobras, soube que a enteada era rainha daqueles reinos e ficou como uma vibora, cheia de inveja por vêr a felicidade dos dois irmãos. Pôs-se a pensar, a pensar, e resolveu fazer-lhe mal mais uma vez. Um dia em que soube que a Rainha tinha tido um lindo menino, filho dda e do Rei, disfarçou-se em aia do paço e foi lá com uma filha. Ambas aquelas duas bruxas agarraram a pobre Rainha, amarraram-na e meteram-na dentro dum banho de água muito quente.

Depois disto a madrastra vestiu a filha com os faos da pobre Rainha e meteu-a no quarto do Rei para que o Rei julgasse que ela era a sua esposa.

Mas à noite a rainha verdadeira entrou no quarto aonde estava a ama do seu menino, tomou o filhinho nos braços, e disse:

— Como está o meu filhinho? E como está o meu irmãozinho que a madrastra mudou em veadinho?

3 depois desapareceu.

A ama foi logo contar tudo ao Rei, o qual ficou muito espantado com o que ela lhe dizia. À noite escondeu-se no quarto da ama do príncipesinho e viu que ela tinha falado verdade.

Quando veio a terceira noite, entrou outra vez a pobre Rainha, tomou o menino nos braços, beijou-o muito e disse:

— Como está o meu querido filhinho? E como está o meu adorado irmãozinho que a má da minha madrastra mudou num lindo veadinho? Hoje ainda eu te vim vêr, meu filhinho!... Mas, aí de mim! agora nunca mais te tornarei a vêr!...

Então o Rei, saído do sitio aonde estava escondido, correu para ela e disse:

— Tu não podes ser outra senão a minha querida esposinha!

Palavras não eram ditas, a Rainha voltou à vida e abraçando muito o marido contou-lhe tudo quanto a madrastra e a filha desta tinham feito. Então o Rei ao saber de tudo deu logo ordem para que ambas — a madrastra e a filha desa — fossem castigadas como mereciam. E assim se fez logo, logo.

Depois disto, o veadinho foi desencantado, volando a ser o lindo rapazinho que antes fora. E de, o Rei, a Rainha e o filhinho foram dali em diante muito, muito felizes, e viveram contentíssimos até que Nosso Senhor os levou a todos para o céu!

### MEIAS IMPERMEAVEIS

**F**azer, em pouco tempo, uma invejável fortuna. Pde ainda dar-se outra circunstância, ao mesmo tempo perigosa e cômica: haverá alsacianos, exageradamente ciumentos que se não contentarão, para se assegurar da fidelidade das suas consórtes, de as colocar num estado tão próximo da embriaguez que talvez o futuro nos reserve uma surpresa — a lei seca na Alsácia.

### MEIAS IMPERMEAVEIS

**U**M dos maiores inconvenientes das saias curtas é, sem dúvida, a dificuldade em evitar que, em dias de inverno, a chuva persistente e incômoda, atravesse o tecido fino das meias provocando resfriamentos e não poucas vezes violentas dores reumáticas nos desabrigados artelhos das senhoras expostas ao vendaval.

Aim de evitar este ataque do mau tempo à moda actual, a Voga, após porfiadas experiências pôde, finalmente, oferecer hoje às suas genís leitoras, um processo eficaz para impermeabilizar tôdas as meias sem lhes alterar a cor, deixando-as absolutamente coraçadas contra tôdas as bâtegas de água, por mais torrenciais que possam ser.

Para isso basta simplesmente dissolver cem granas de alumen em meio litro de água morna e mergulhar as meias nesta solução durante quinze minutos.

Em seguida, espreme-las tanto quanto seja possível, sem todavia romper as malhas, e colocá-las depois dentro dum recipiente contendo uma solução obtida com vinte e cinco gramas de sabão de sêda dissolvido em litro e meio de água quente com uma colher de sopa de amoníaco.

Se deixarmos as meias mergulhadas nesta solução durante quinze minutos para depois as passirmos por água morna simples, verificaremos que logo que estejam enchutas apresentarem-se-hão perfeitamente impermeáveis, ainda que a sua cor não tenha sido aparentemente modificada se... por ventura fôrem de boa fabricação.

## ATRAVÉS DO TELEFONE

Querida amiga:

**O**NTEM de manhã, encontrava-me eu naquela vaga sonolência que antecede o despertar quanto retinui a campainha do telefone. Ouvi perfeitamente o retinir longínquo, mas não acordei. Não sei se já notaste que o nosso pensamento, quando nos envolve a modorra branda e morna, adquire uma agilidade fantástica. Aquele retinir fez enveredar meus sonhos por sendas poéticas e aquele som desesperado, através do sono, transformou-se no gorgoejo de aves numa floresta sombria rodeada de mistério. Sim, eu encontrava-me perdida numa floresta onde, apesar de não se notar um único vestígio da passagem de qualquer criatura humana, nenhum recio me assaltava. Lembrava-me de que o bosque cerrado deveria ser habitado por feras perigosas; vi mesmo com os meus próprios olhos panteras ageis de corpos listrados passarem velozes numa restolhada sinistra entre a vegetação luxuriante; mas nem por isso o meu coração palpitou mais forte na iminência do perigo! Estava tranqüila, como as aves que, saltando alegres nos ramos altos, chilreavam com grande alarido. O chilreio era constante, persistente... Era a retinir do telefone. Foi Teresa, a criada, quem mo veio dizer, senão eu, dormindo sempre, não o acreditaria.

— Chamam-na ao telefone — disse Teresa, acordando-me brandamente.

Semi-ergui-me do leito, de olhar assombrado por aquela súbita transição do sonho para a realidade e apoderei-me do aparelho.

— Está lá?... Está lá?...

Era a Maria Cândida que me falava. Pareceu-me notar na sua voz uma leve tremura de emoção.

— Há alguma novidade? — inquiri.

— Há e não há — respondeu ela, hesitante.

— Aconteceu alguma desgraça para assim me chamares a esta hora da manhã?... Olha que ainda estava dormindo...

— Não, não houve desgraça... Mas, não sei como explicar-te... É que eu fui dar hoje de



manhã muito cedo um passeio de aeroplano com meu marido...

— Delicioso...

— Sim, delicioso... Era ele quem guiava o avião... O Alvarinho, nosso filho também foi. Estava uma manhã linda, linda...

— Voaram por muito tempo?

— Uns três quartos de hora, que me pareceram três séculos... Meu marido levou-nos depois Barra fora para o oceano. A torre do Bugio lembrava um pudim sobre uma grande toalha verde. Sobre o oceano pairamos por muito tempo. De súbito, meu marido teve um movimento de ombros que lhe é peculiar quando está contrariado. «Aconteceu alguma coisa?» perguntei-lhe. «Nada, não é nada...» respondeu. Mas, Graziela, o meu coração sobressaltou-se. O motor do aparelho não trabalhava. Rodeávamos um grande, um imenso silêncio. Compreendi tudo. Era uma panne.

Alvarinho saltou de súbito uma risada e, apontando com o dedo minúsculo um ponto no horizonte, exclamou: «Papá, um navio, tão pequenino!...» O pai não lhe respondeu. Em vôos planados, em largas espirais, o avião desca, como uma ave gigantesca ferida de morte.

«É tão bom andar de aeroplano!» exclamava Alvarinho. Eu não tinha ânimo para lhe responder, a voz afogava-se-me na garganta. A morte era certa.

Pensei na vida com saúde. Evoquei a figura de minha mãe. Via-a chorando... E o mar cada vez mais próximo! Já se distinguíam perfeitamente as ondas irrequietas a nossos pés. Mas um ruído forte e sonoro agitou as entranhas do aparelho. O motor voltava a trabalhar. Erguemo-nos novamente na atmosfera azul, mais alto, cada vez mais alto, sempre mais alto, porque lá em cima estava a salvação. E depois foi uma corrida louca até à aterrissagem.

— E depois?...

— Quando a terra firme estava sob os nossos pés, meu marido, que recuperava a serenidade, ergueu Alvarinho nos braços e perguntava-lhe, como se nada houvesse acontecido: «Gostaste, meu filho». «Muito, papá!» respondeu o pequenino, enlevado. E notei que meu marido tinha as lágrimas nos olhos.

Foi isto apenas, querida Eugénia, que escutou ontem de manhã pelo telefone a tua amiga

GRAZIELA.

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que Voga vai apresentar em breve  
Ayuntamiento de Madrid

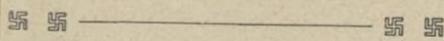
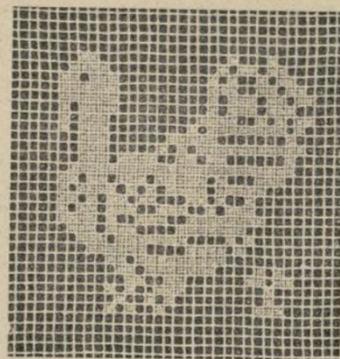
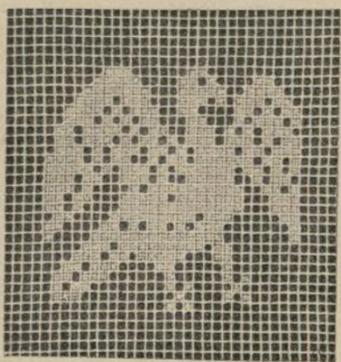
# BORDADOS E RENDAS

## O BORDADO EM FILET

O bordado em *filet* é um dos mais encantadores e mais fáceis trabalhos femininos, principalmente pela enorme variedade de efeitos que com ele se consegue, todos eles aparatosos e lindos. Se o bordado sobre *filet* se não divulgou e

leitoras lindos «motivos» para este mimoso género de trabalho.

Um deles representa uma grega sentada, olhando flores estilizadas que tem na mão, enquanto, com a outra, segura uma cornucópia. Noutro temos um lindo pombo de azas ab-



### BELEZA

#### HIGIENE DOS LABIOS

A boca, leitoras minhas, tem sido comparada gentilmente pelos poetas às mais mimosas flores. Chamam-lhe uns cravo vermelho, outros botão de rosa. Há quem a compare a uma braza viva e linda, há quem lhe chame ferida feita por um punhal ensanguentado, outros morangos, outros cerejas. As mais variadas imagens dos mais variados engenhos lhe tem sido atribuídas, todas para a enaltecer, todas para lhe acender luzes no seu altar de beleza.

Na boca se concentra, muitas vezes mais ainda que nos olhos, a beleza máxima da mulher. Uma boca cerrada, fala mais alto, quantas vezes, que a própria garganta. Ela diz tudo, todas as dores e alegrias, todos os despeitos e todas as ternuras, todas as cambiantes de sentimentos humanos.

Quando se aguçam num beijo, quando se franze num amuo, quando se torce de dor, quando se distende na alegria do riso, a boca exprime, reflectidos, os mais íntimos sentimentos da alma.

Há bocas deslumbrantes, há-as que são pequenos corações. Quasi todas falam mais verdade quando estão cerradas do que quando se abrem e falam alto. É que a boca fechada, quando é pequenina, tem a forma do coração — e ninguém mente quando tem o coração na boca. Se a abre e fala, desmancha-se o coração — pode mentir à vontade.

O papel primacial que tem a boca na beleza feminina merece uma especial atenção e cuidado no seu tratamento. Mais tarde falaremos nos dentes. Por agora trataremos apenas dos lábios.

Não é agora ocasião de se falar em pinturas e batons. Isso é a beleza emprestada.

Falemos no tratamento racional dos lábios.

O ar modifica pela sua acção a forma dos lábios, principalmente quando se apanham grandes ventanias, produzindo-lhes escoriações, grêtas e cieiro. Também em seguida a uma noite de insónia ou febre isso acontece muitas vezes.

Convém para esse caso usar a seguinte pomada:

Mel rosado.....	300 gramas
Ratania.....	80 »
Cêra Virgem.....	20 »

O efeito é rápido e seguro, cicatrizando os lábios e retemperando-os das excessivas frialdades atmosféricas ou das noites mal passadas.

Uma cor de lábios brilhante, sem ser exageradamente viva, contribui duma maneira evidente para a beleza e atracção femininas, não se necessitando para isso de recorrer a certos «batons», quimicamente mal preparados, que estragam os lábios, crestando-os e tornando-se depois necessário usar sempre quaisquer outros para ocultar os estragos produzidos na tão delicada pele que cobre os lábios, além da lenta intoxicação que certos productos, preparados sem consciência, produzem em quem os usa.

Para manter os lábios saudáveis e belos convém usar amiudadamente o seguinte preparado:

Óleo de amêndoas.....	500 gramas
Cêra.....	60 »
Espermacete.....	60 »
Essência de rosas.....	2 »
» de joio.....	2 »
» amendoas amargas.....	7 »

Esta pomada é branca e pode usar-se largamente sem receio.

Quem a preferir rosada, tornando portanto mais naturalmente coloridos os lábios, deve juntar a essa receita mais 60 gramas de raiz de alfeneiro. Macera-se essa raiz antes de juntar as essências; depois de a agitar todos os dias durante uma semana e de filtrar, juntam-se-lhe as essências.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND



até há pouco não tinha conseguido o alto lugar que lhe pertence por direito de beleza, deve procurar-se a causa na enorme dificuldade que até há pouco existia na confecção do *filet*, que há muito pouco tempo era feito pacientemente à mão.

Disso resultava ser o *filet* extremamente demorado e quando a bordadora o ia executar já estava fatigada da monotonia extenuante de alguns metros de tecido constituído por malhas e nós.

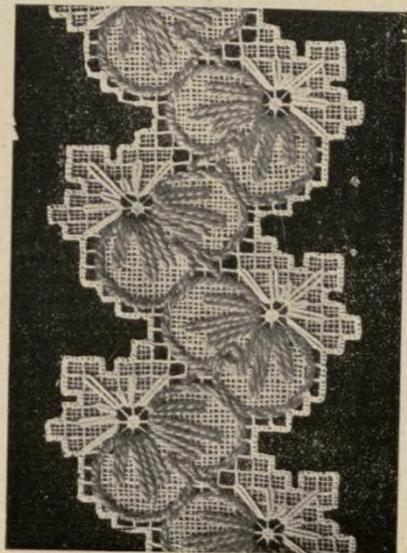
Desde, porém, que se começou a fabricar mecanicamente o *filet*, esse tão belo bordado salientou-se e firmou a sua realza entre os mais belos trabalhos femininos.

Todos os modelos que nós damos podem ser executados em *filet* adquirido aos metros. Esse *filet* encontra-se facilmente com malhas de todas as medidas necessárias e convenientes, devendo nós salientar que esse *filet* se caracteriza pela regularidade das malhas, de que resulta um trabalho perfeito.

Quando as malhas são miúdas pode fazer-se desenhos com grande abundância de curvas, devendo nós notar que estas saem tanto mais perfeitas quanto maior for o seu tamanho em relação ao tamanho da malha.

Mesmo em trabalhos pequenos, desde que o desenho aproveite bem os pequenos quadrados do *filet*, resulta um encantador sistema de pequenos quadrados conjugados e dum efeito encantador.

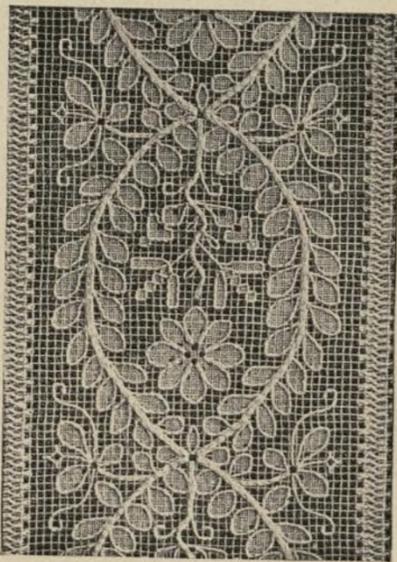
Nos modelos por nós dados tem as presadas



tas; num terceiro um faustoso Perú de leque armado.

Um quarto modelo representa um trecho de magnífico entremeio para ser feito em *filet* miudinho, todo formado por grinaldas de pequeninas folhas, completadas por flores.

O último modelo é dum excelente efeito, pois é conseguido contornando as folhas redon-

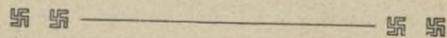


das com linha de cor, azul ou creme, por exemplo.

Os pontos empregados no bordado em *filet* são de tal maneira divulgados e fáceis que tornam desnecessária uma explicação.

O sem número de aplicações deste trabalho facilmente fará compreender às nossas leitoras a razão dos variadíssimos modelos que sobre ele damos e mais ainda daremos para que as nossas leitoras e assinantes obtenham uma colecção o mais completa possível, do que de melhor e mais seleccionado houver sobre o assunto.

O nosso maior desejo, que tão exuberantemente vemos amparado e incitado pelas nossas gentis leitoras, é fornecer-lhes a melhor e mais completa selecção do que de mais artístico e perfeito possa haver em assuntos femininos. As inúmeras e insofismáveis demonstrações que nos tributam, quer por carta, quer procurando-nos pessoalmente, fazem com que demos por profícuo o nosso esforço nêsse sentido.



### UTILIDADES

#### SEGREDOS DOMESTICOS

A batata crua é uma das melhores substâncias para tirar as nódoas de fruta, ou de de ácido, das laminas das facas ou de qualquer utensílio de aço.

Uma «mão cheia» de carvão de sobro pulverizado e colocado nos lugares mais húmidos de uma casa, poderá evitar com a maior facilidade o aparecimento de fungos ou bolor nesse sítio.

A mobília de nogueira fica como nova quando é limpa com um pedaço de flanela humedecido em petróleo.

Um pouco de chá preto bem forte e frio, misturado com água quente e tendo-se humedecido com ele um pedaço de lã bem macia, poderá servir para restaurar a mobília, limpando-lhe as nódoas maiores e dando-lhe uma frescura e um brilho como se fôsse nova.

Se se entornar chá numa toalha, basta pôr sobre a nódoa uma porção de sal e deixá-lo assim durante meia hora. Ao lavar-se a toalha, verificar-se-há que a nódoa desapareceu completamente.

Os utensílios de cozinha, em folha, tais como: bules, cafeteiras, panelas, colheres baratas, etc., poderão ser com a maior facilidade branqueados como novos se se fizerem ferver durante alguns minutos numa solução forte de soda e água.

Quando se compra uma esponja nova, não se deve usá-la imediatamente. Para aumentar a sua duração, deve-se embebê-la durante alguns dias em água muito pura, de preferência da chuva, e espreme-la repetidas vezes, para assim lhe extrair toda a terra arenosa que, de ordinário, se encontra impregnada e mais tarde contribui para a cortar.

Uma solução magnífica para obter um bom resultado consiste numa mistura de quinhentas gramas de carbonato de soda dissolvido num litro de água morna (não quente).

A esponja deve ser deixada dentro desta solução durante um dia inteiro e depois mergulhada em água fria, ficando assim a sua duração garantida pelo triplo do tempo que não chegaria a durar se estas precauções não fôsem devidamente tomadas.

As nódoas de lama nos chapéus de chuva, saem facilmente aplicando-lhes um pano humedecido em álcool desnatado.

As nódoas de alcatrão limpam-se colocando-lhes em cima um pedaço de toucinho bem limpo e lavando-as em seguida com sabão de sêda e água quente.

Para que possa engomar-se melhor, a gôma deverá ser misturada em água de sabão porque assim o ferro deslisará com maior facilidade.

Os bolos e pudins não se poderão queimar se as prateleiras do forno fôrem previamente polvilhadas com sal.

Um pedaço de renda velha é sempre o melhor utensílio para lavar toda a qualidade de pinturas. É igualmente esplêndido para limpar o papel das paredes esfregando-as levemente de cima para baixo, e neste caso o pedaço de renda deve evidentemente estar perfeitamente seco.

As manchas de dedos ou quaisquer outras sobre madeira envernizada, saem rapidamente se as esfregarmos com um pedaço de flanela embebido em petróleo.

Uma porta da rua empoeirada pode ser limpa da mesma maneira. Basta esfregá-la primeiro com uma flanela embebida em petróleo e puxar depois lustro com um trapo de linho.

Para evitar que os capachos escorreguem sobre o asfalto ou soalho polido quando sobre eles limpamos os pés, basta debruá-los com uma fita estreita de borracha obtida de uma velha câmara de ar de automóvel ou bicicleta.

### O QUE NÓS PRETENDEMOS

VOGA Não pretendemos ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realizar um espectáculo europeu.



XXXII

22 de Novembro.

A única coisa que me não agrada, em Stambul, é precisamente a que encanta todos os europeus e que é feita expressamente para eles: o Basar.—Buyuk Teherchi, falando turco. Não encontro grande beleza naquele labirinto de pequenos túneis abobadados, onde se aglomeram dez mil tendas, sem haver uma que seja realmente bela ou exótica. Percebe-se demasiado, em tudo aquilo, o artifício e o ilusionismo. Quer ser Mil e uma Noites, e não passa de ópera cómica. Não obstante, em ocasião de compras indispensáveis, tem de se ir ao basar. O basar é então um recurso único. Os nossos grandes armazens do Ocidente reúnem menor variedade de mercadorias, e o próprio senhor Carazoff não está tão bem fornecido em produtos de fabrico turco.

Passsei hontem duas horas no Basar; queria comprar objectos destinados à minha casa do bairro de Kara-Gumruk: cortinas de seda de Brussa, um biombo de mucharabi, duas lâmpadas de mesquita de cinco torcidas, e um «mangal» de cobre para acender lume; e o inverno não tarda, e já há dois dias que há geada. Por causa do mangal e das lâmpadas, bati-me contra um Arménio que, a pesar de todos os meus esforços, me deixou sem a pele. Foi um Judeu que me vendeu o biombo, que me deu também muito que fazer. A seda de Brussa, pelo contrário, pertencia a um velho Osmanli, de grandes olhos azuis sem malícia; e a transacção fez-se num momento, o mais honestamente que é possível.

Éte último acto das minhas façanhas passava-se no Bezestin, que é a praça dos leões do Basar. Precisamente nesse momento, começou a leiloar-se uma colecção de armas curdas, árabes ou persas,—pistolas damasquinadas, iatagãs em crescente e longos mosquetes com turquesas e corais engastados. Aproximei-me, e logo me seduziu um adoravel punhalzinho, que mais parecia uma jóia do que uma arma. Comprei-o, e fiquei surpreendido ao verificar, quando o tive na mão, que aquêle delicado objecto com cabo de jade e lâmina tauriada a ouro e prata, era uma adaga muito séria, aguda e forte, bem capaz de matar...

A venda continuava por lotes de fatos turcos, cafetãs de todas as cores, chales, feridjés, echarpas, tcharchafes... E passou-me pela cabeça uma idéa extravagante. Eu estava com o meu guia habitual. No Basar não se pode dispensar um guia, a não ser que se queira perder muitas horas. O meu guia chama-se Astik e sabe economisar os minutos.

—Astik— disse eu — quero comprar um fato de dama turca, um fato completo.

Ele não se espantou. Os excursionistas, seus habituais clientes, já o couraçaram contra o espanto. Um quarto de hora depois, tinha eu um fato por quatro libras, dois medjidés e quinze piastras: — «preço excelente, effendim!» — Um fato nada feio, e verdadeiramente completo, incluindo a sombrinha e as pantufas.

Depois Astik, sempre imperturbável, mediu-me de alto a baixo com uma olhadela de alfaiate e afirmou que era «precisamente a minha medida».

Será também a medida de um manequim de vime, que, devidamente vestido e velado, como uma hanum, me servirá de companhia na minha casa de Kara-Gumruk.

XXXIII

Quinta-feira, 24 de Novembro

Este fim de semana arrasta-se como uma lesma...

Grande emoção, hoje de manhã, em Péra: monsenhor Farnese, cardeal secretário de Estado, foi assassinado ontem no Vaticano. Sem dúvida, não é um acontecimento local; mas Constantinopla, metrópole das seitas do Oriente, alardeia sempre o maior interesse por tudo que seja religião. O assassinato do cardeal fez, pois, barulho.

Sedas, veludos e lanifícios por metade do seu valor

Ultimos dias da liquidação na GALERIA DA MODA

(ANTIGA CASA PERAL, L.<sup>DA</sup>)

Rua da Prata, 82 a 86

Telefone: Central 77

Aproveitem esta ocasião excepcional de comprar barato

BREVEMENTE:

Abertura da estação de verão com as últimas criações da moda de Paris, Londres e Lyon...

# O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

A imprensa é que deu uma nota pitoresca: como a censura turca não gosta de narrações de atentados políticos, não houve um único jornal que dissesse uma palavra sobre o crime. Afinal, não sei se é caso para se dizer mal da censura turca: é verdadeiramente doentia a curiosidade com que os nossos porteiros parisienses arregalam o olho perante o noticiário do *Petit Journal*...

Seja como fór. Os Perótas dão tréguas à sua eterna ânsia de escândalos. Porque Péra, que não é propriamente uma cidade desavergonhada, a pesar da miscelânea de raças bastardas que aqui se acotovelam, faz pelo menos tudo o que pode para parecê-lo, por meio de mexericos, mentiras e calúnias... Mas hoje, o luto público tem suas exigências. Seria pouco decente não manifestar os sentimentos de aflição profunda, a respeito d'este cardinal romano, que aliás ninguém de Péra já mais viu. Exige o snobismo levantino que se exalte aqui, à vista dos Turcos, o orgulho de ser cristão.

Tive o prazer de ouvir diversos senhores, banqueiros, financeiros, homens de negócios, — tudo cavalheiros que Cristo provavelmente haveria expulsado do templo, — e muitas damas, — que tantas vezes provocam o escândalo, — chorarem as lágrimas de Jeremias pelo cardinal Farnese, e lançar o assassino à polé, à roda e à fogueira.

Em casa da embaixatriz da Alemanha, que hoje recebe, a sentimental madama Kerloff deu a nota do exagêro. (O assassino, ao que parece,

XXXIV

A voz do rouxinol nos cimos dos ciprestes H. DE B.

Sábado, 26 de Novembro; cinco horas e meia, à franca.

A rua que passa por trás da embaixada da Inglaterra é uma rua grega, regular e triste. Vêm-se ali algumas casas de pedra, feias, alinhadas em frente do grande muro do parque. Chove. Abaixo o capuz da minha capa e caminho ao longo do muro. Espero.

Péra termina bruscamente na extremidade da rua: falta-nos o solo de baixo dos pés. Cavava-se ali uma ravina, profunda como um abismo. O declive íngreme, arripiado de ciprestes, desce até ao Corno de Ouro, que se vê lá ao fundo, lambendo os pés a Stambul; — Stambul da cor da noite, recortada de minaretes e de cúpulas. Esta ravina é uma floresta, medrando em plena cidade; e também um cemitério: estão ali os mais antigos túmulos de Constantinopla, à sombra de árvores quatro vezes centenárias.

Encosto-me ao parapeito, e contemplo durante muito tempo a floresta sombria, e o braço de mar por baixo da floresta, e a cidade turca para além do braço de mar. Inumeráveis gralhas volteiam entre as pontas dos ciprestes, em procura de um ramo para dormir. Uma chalrada ininterrupta sóbe da ravina. A chuva miúda ennubla tôdas as coisas.

...Ah! Aqui vem do fundo da rua um vestido

vosa, esta mão que treme, estes olhos baixos que eu não chego a ver... tenho muita piedade dela! Quisera eu, súbito, apertá-la, embalá-la, adormecê-la para que ela tudo esquecesse, e acalmar contra o meu peito este pobre coração que oigo bater!

— Maria...

Ela respira com esforço:

— Escute...

Solta-me o braço e encosta-se a um cipreste. Levanta a cabeça e olha-me. As gralhas chalam menos fortemente por cima de nós.

— Meu amigo... ah! também esta noite não sou valente... Veja; é verdadeiramente uma quebra de dignidade tudo isto, estes pretextos, estas mentiras, esta fuga medrosa de há pouco, tudo o que fui obrigada a fazer para o senhor me encontrar aqui. Mas tem sido tão bom para mim, tem-me dedicado uma amizade tão doce! Aconteça o que acontecer mais tarde, hoje não quero ser ingrata... quero desobrigar-me, quero dar-lhe, pelo menos, o que tenho de mais precioso, tôda a minha confiança... e todos os meus segredos.

Calá-se. Escuta a chuva que sussurra através dos ramos. As gralhas adormeceram pouco a pouco.

— Meu amigo... em primeiro lugar, tudo vai de mal a pior. Eles estão fartos de mim, ambos. E redobram de ódio e de insultos. Oh! eu percebo-lhes claramente o jôgo. Querem irritar-me, levar-me a um escândalo, obrigar-me a fugir... Olhe, esta semana julguei que o conseguiam: uma scena atroz... foi a propósito do meu filho... Aquela miserável tornou-se feroz para êle... Desde que o senhor a chicoteou tão rudemente no seu orgulho... lembra-se?... Dir-se-ia que se quer vingar no inocente... Enfim, há quatro dias atreveu-se a bater-lhe. Eu estava presente, saltei-lhe em cima. Batemo-nos quasi como mulheres do povo. Fui eu a mais forte, felizmente! Meu amigo, acredite, se eu ficasse por baixo, estou convencida de que abandonava tudo, de que fugia daquele inferno, de que desertava! De que valia ficar, se nem ao menos servia para defender o meu filho?

Calá-se. Depois, sorri... oh, que triste sorriso!

— Veja, meu amigo, não minto, bati-me. Veja os sinais!

Levantou a manga. Uma arranhadura sulca a pele, de leite e âmbar. Eu examino. Uma gota de chuva cai sobre o braço nu, que estremece, e torna a cobrir-se.

(Continúa).

## COLUMBIA

GRAFONOLAS : : DISCOS

As ultimas novidades em discos de OPERA, ORQUESTRA, DANÇA e REPORTORIO ESPANHOL

Agentes Exclusivos: P. SANTOS & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>

Rua Ivens, 52, 54 — Rua Garrett, 57, 59, 61

LISBOA

é um anarquista da raça vulgar dos matadores de soberanos e de primeiros ministros):

— Crime, crime, crime! — gemia madama Kerloff, na sua voz semelhante a uma trombeta, — e cobardia, cobardia! Nunca houve crime mais covarde...

Narciso Boucher, que acabava de entrar, afiou o seu sorriso de campónio manhoso:

— Ah! madama Kerloff, nós vamos ter uma questão. En acho que o patife de quem fala é, pelo contrário, um ousado aventureiro, que não sabe o que é medo.

— Senhor embaixador!

— Que não sabe o que é o medo. Sim, sim, eu sei; êle matou um pobre velho sem defesa: Farnese estava só — nem um laço — e o tiro foi dado pelas costas. Sei tudo isso... Mas oíça: não é verdade que Farnese estivesse só. Ao lado d'êle, em volta d'êle, havia uma guarda formidável! Havia a lei, a sociedade, os juizes, a guilhotina. E pensa que o assassino não tinha olhos? Êle viu tudo! O tribunal, as togas vermelhas, e a lâmina triangular. A pesar disso, avançou, feriu! Eh! Eh! conheço muitos duelistas atrevidos e muitos soldados valentes que riem das espadas e das balas, mas que do cadafalso virariam costas.

Alguém objectou:

— Os criminosos não pensam no castigo. Tem sempre a ilusão de que saberão evitá-lo.

— Um homem que se bate, tem sempre a segurança de vencer. Mas nem por isso deixa de ser precisa valentia para se bater — replicou Narciso, gracejando. — Em resumo eu meço a coragem dos combatentes pela pujança dos adversários. E o carrasco deu-me sempre a impressão de um guerreiro com uma largura de ombros dos diabos.

cinzento de baixo dum guarda-chuva... um vestido cinzento cujo movimento ágil eu reconheço. Saio-lhe ao encontro... Mau! parece de propósito: a rua já não está deserta; atrás do vestido, a uns vinte passos, vem também um cafetã. Mas lady Falkland viu-o. Cruza-me sem parar, dizendo-me em voz baixa: — Siga-me de longe.

Deixo-a afastar. Ela costeia o parapeito da ravina, e de repente, parece passar atfayés d'êle. O cafetã, que provavelmente não se importa connosco, continua para a frente. Já não há ninguém na rua. Alcanço também o parapeito, no sitio onde se abre uma passagem. Começa aí um caminho que serpenteia no flanco da ravina, entre os ciprestes. Lady Falkland espera-me quasi invisível na sombra das árvores. Inclino-me para a sua mãozinha, arrefecida pela chuva, e poiso os lábios na abertura redonda da luva. A principio não dizemos nada. Lady Falkland tomou-me o braço, e caminhamos para o côncavo da ravina, para a noite mais sombria e mais secreta. Os troncos dos ciprestes alternam com moitas cerradas: o guarda-chuva prende-se aqui e ali, torna-se embaraçoso: Lady Falkland fecha-o, bruscamente:

— Assim, vai molhar-se...

— Não me importa.

— E os seus pés! A senhora não está calçada para patinhar nesta lama...

— Não me importa.

Fala depressa. Sinto no meu braço a sua mão crispada.

— Maria...

É a primeira vez que me atrevo a dar-lhe este nome. Mas também é a primeira vez que sinto apertada contra mim, e que a noite escura nos envolve a ambos... E depois, esta voz ner-

## UM FAMOSO ASTROLOGO

faz uma offerta notavel

Dir-lh'a-ha

GRATUITAMENTE

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito nos seus negocios, ambições, desejos? etc.



### NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA?

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Escreva immediatamente e sem demorã, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 7 PL.

44, RUE DE LISBONNE, PARIS

Com 5 Escudos para cobrir as despezas do correio, remessa, etc.

Franquia para França: 1\$60.

**BERTRAND-IRMAOS. L<sup>DA</sup>**  
**FOTOGRAVADORES**  
**TEL. T. 96**  
**T. DA CONDESSA DO RIO 27**  
**LISBOA**

## OS MEUS CABELOS

POR LEATRICE JOY (ESTRÉLA DE CECIL B. DE MILLE)

QUANDO, há três anos, apareci num filme, pela primeira vez, com os cabelos cortados (cortados, não, arqui-

de aparecer na t'ela ou, ainda pior, estaria condenada a confinar a minha arte na interpretação, forçosamente deficiente, pela repetição inevitável dos tipos de «garçonne» ou menina modernista?... Estaria eu na contingência de, em arte histriónica, continuar a ser *ad eternum*, a «Menina do Jazz» e, portanto, apenas uma utilidade para papéis daquela índole?...

Não podia resignar-me a tal e, por isso, reagi, lutei. Na «Paramount» não pensavam dar-me trabalhos de fôlego para os meus cabelos curtos, mas Cecil B. de Mille, o grande, o maior de todos, compreendeu-me. E os meus cabelinhos apartados ao lado, como os de qualquer rapazote, apareceram na interpretação dos mais variados papéis de mulher, dramáticos, cómicos ou trágicos. E sempre, valha a verdade, conquistei os aplausos do público e dos críticos. O que prova que a minha cabecita, que não mais terá longas tranças, não era, positivamente, uma «cabeça de avelã»!... Paraphraseando o desditoso André Chenier, posso exclamar: «Na verdade, sob êste pouco cabelo há algum miolo».

Deixei crescer um pouquinho (oh!... muito pouquinho!) os meus cabelos cortados e isso me permite frizá-los, ondulá-los e executar diversos penteados que se, na verdade, não se podem dizer caprichosos nem fantásticos, são, pela certa, bem graciosos e originais.

Cuido tanto dos meus penteados como das minhas *toilettes* e, é claro, gosando a fama de «rainha da moda» em Hollywood, terei que cuidar muito de ambas as coisas. Com estas desataviadas linhas lhes mando, lindas portuguesas, por intermédio desta linda *Voga* que me obriga a aprender o português pela curiosidade de a ler, algumas fotografias dos meus últimos vestidos e trajos de fantasia para o meu próximo filme.



-cortados!), ergueu-se grande clamor por todos os meios cinéfilos. E então, os comentários mais curiosos e... mais atrevidos, se entrecruzaram por tôda a parte e enquanto uns choravam as minhas tranças dos tempos da «Paramount» (aquelas tranças quasi... babilónicas) outros, os mais, felizmente, entoaram louvores aos meus cabelos arrapazados.

Por mim, confesso, não tinha opinião decidida. Eu cortára as minhas tranças, não por uma questão de estética especial nem por instintos revolucionários. Eu não sou revolucionária, nem no trabalho, nem em concepções, nem... nas intrigas do estúdio. Assim cortára as tranças

única e simplesmente por uma questão de probidade artística.

Franz Borzage, o grande director, que nesse tempo começava também, como eu própria, gisára um plano curioso para argumento. A protagonista seria a «figura do momento» na sociedade americana: «A menina do Jazz», e não pareceria lógico que a destrambelhada criaturinha aparecesse ali, no ambiente trepidante, rápido, scintilante, do filme, com tranças respeitáveis de ursulina ou um venerando carrapito de mãe de família. Eis porque cortei o cabelo, em holocausto à arte, e eis também porque, não o tendo feito por convicção profunda numa nova beleza, estava apreensiva sôbre o efeito futuro da profunda modificação que fizera sofrer à minha cabecinha de vento.

Para a interpretação da «Menina do Jazz» ia tudo às mil maravilhas. Mas depois?... Enquanto não me crescesse o cabelo de novo estaria impossibilitada



L. J. 65

CINEMA CONDES

«DON JUAN» de LORD BYRON, COM JOHN BARRYMORE